

RELATO DE EXPERIÊNCIA

“CCEX COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA”: SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DA EXTENSÃO CURRICULARIZADA NO SUL DA BAHIA.

Rodrigo Rossi Morelato¹; rodrigo.morelato@ufsb.edu.br
Emanuelle Silva Oliveira²; emanuellesoliveira.so@gmail.com (coautora)
Jaqueline da Paixão Silva³; jaquelinepaixaosilva@gmail.com (coautora)
Yasmin Nogueira Figueiró dos Santos⁴; yasminfigueiroo@gmail.com (coautora)
Yana Dádiva Souza Andrade⁵; yanasandrade@gmail.com (coautora)

RESUMO

Este resumo sistematiza experiências da primeira oferta do componente curricular de extensão “Comunicação Comunitária”, na Universidade Federal do Sul da Bahia. Trata-se de uma iniciativa de extensão curricularizada desenvolvida em uma universidade em vias de consolidação em um hotspot de socio-biodiversidade. Nesta experiência a comunicação foi abordada como produto e como processo, e partiu-se de uma demanda do movimento agroecológico: a produção de mídias sonoras. Conclui-se que a comunicação comunitária, em extensão universitária, apresenta grande potencial para a formação de estudantes de jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão Universitária; Educomunicação; Cidadania; Agroecologia; Mídia Sonora.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a extensão universitária se encontra amparada no Art. 207º da Constituição Federal, o qual rege sobre a autonomia didático-científica das

¹ Professor do Centro de Formação em Artes e Comunicação da Universidade Federal do Sul da Bahia (CFAC-UFSB). Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ).

² Graduanda em Jornalismo na UFSB.

³ Graduanda em Jornalismo na UFSB.

⁴ Graduanda em Jornalismo na UFSB.

⁵ Graduanda em Jornalismo na UFSB.

universidades brasileiras, as quais desenvolvem suas atividades segundo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988).

Uma das maneiras de se pensar a extensão universitária é enquanto uma prática dialógica emancipadora (FREIRE, 1977) que, vinculada às demandas da sociedade, busca fortalecer políticas públicas, proporcionar a hibridização de conhecimentos e estimular o protagonismo dos sujeitos rumo à cidadania. Ou seja, a extensão universitária deve ser entendida como a tônica comunicacional e inovadora do Ensino Superior.

Em seu percurso histórico, a extensão universitária conheceu ao menos três momentos distintos e complementares. O primeiro, até os anos 1960, tinha um caráter assistencialista que vinha suprir uma histórica lacuna nos direitos de cidadania dos brasileiros. O segundo, ocorrido nos anos 1970, tinha como mote as possibilidades da extensão para a promoção do desenvolvimento econômico nacional. O terceiro momento, iniciado nos anos 1980, teve como foi a especialização da extensão, o reconhecimento de seu potencial de transformação social e a valorização dos saberes populares (LISBÔA FILHO, 2022).

Em 2018, entrou em vigor uma resolução que estabeleceu as diretrizes para a Extensão na Educação Superior, regimentando metas anteriormente aprovadas no Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024). Dentre seus diversos regramentos, destaca-se o Art. 4º, que impõe o mínimo de 10% de carga horária em extensão à matriz curricular dos cursos de graduação (BRASIL, 2014).

Trata-se de um quarto momento da extensão universitária brasileira, que foi formulado em um período recente e muito específico de nossa história: o de governos populares na América Latina nas primeiras duas décadas do século XXI (2003-2016). No Brasil, neste momento histórico, havia um debate sobre o papel articulador entre ensino e pesquisa, que a extensão universitária é capaz de promover.

Naquela época, a questão do financiamento da extensão teria sido sanada pela Lei Nº 12.858/2013, conhecida como “Lei da Partilha”, que destinava 75% dos royalties e 50% do Fundo Social do recém descoberto Pré-Sal para os orçamentos de Educação

e Saúde. Tais demandas vinham ao encontro das grandes manifestações da sociedade civil, operacionalizando a demanda popular manifesta nas conhecidas “Jornadas de Junho” que haviam dominado a esfera pública.

No entanto, durante a natural disjunção existente entre a formulação e promulgação do instrumental legal do pacto federativo e a participativa sistematização da extensão universitária, uma ruptura aconteceu. Em 2016,

2. UFSB: UMA UNIVERSIDADE EM UM DESERTO DE NOTÍCIAS

A Mesorregião do Sul Bahiano conta com 70 municípios e mais de 2 milhões de habitantes. Trata-se de um território mítico ao qual se atribui ser o local de “descobrimento” do Brasil, que, tendo vivido ciclos extrativistas da cana e do cacau, se tornou espaço de implementação do turismo predatório. Até recentemente, a região poderia ser considerada como um deserto de notícias.

No ano de 2013, após a tramitação de um projeto de lei desde o ano de 2011, foi criada a Universidade Federal do Sul da Bahia, a UFSB. Instituição multicapia, teria sedes em Porto Seguro (Campi Sosígenes Costa), Itabuna (Campus Jorge Amado) e Teixeira da Freitas (Campus Paulo Freire), abrangendo quase a totalidade da mesorregião supracitada.

Quando de sua fundação, a UFSB possuía uma arquitetura acadêmica inovadora, fundamentada em quadrimestres. Também possuía uma visceral relação com equipamentos educacionais do Estado da Bahia, tendo formado uma rede com 10 colégios estaduais onde atua – a chamada Rede CUNI –, implementando fundamentos do “tripé universitário” ainda em instituições do Ensino Médio. Naquela época, lembra uma professora do Ensino Médio atuante em Porto Seguro:

O reitor de vocês [da UFSB] vinha aqui na escola, e passava a tarde toda... Ele jogava basquete com os meninos da escola, sabe? Passava na biblioteca, lia livro junto... Foi por esse projeto que a gente reservou aquelas salas [aponta para um prédio anexo, onde há 08 salas de aula climatizadas]. Os equipamentos [SmartTV; ar-condicionado; computadores] foi a universidade de vocês quem botou. É um convênio de vocês com a gente. Mas a gente tem perdido um

pouco isso... A gente queria retomar! Por isso que eu sempre gosto de conversar com professores da UFSB, que vêm de fora, porque... Assim, é muito importante... Eu gosto de juntar gente! (Professor do Ensino Médio)⁶

No início de suas atividades, o campus da UFSB em Porto Seguro era composto, basicamente, das salas de aula cedidas pelas redes municipal ou estadual. O campus que leva o nome de um poeta filho da terra, onde atualmente se concentra a burocracia da universidade e de sua infraestrutura, era um centro de convenções que o Estado da Bahia construiu na Zona Rural do município de Porto Seguro como nos contaram:

Então... Você tá vendo? Os estudantes da UFSB que foram lá e pixaram a placa! Tava escrito “Centro de Convenções” e eles riscaram e pixaram por cima “UFSB”! E é assim... A universidade fica na Zona Rural, na verdade... O ônibus de linha praticamente não funciona. Tem um convênio com as prefeituras, que disponibilizam os ônibus do transporte escolar das crianças... Aí, no noturno, esses ônibus passam por uns pontos e levam os estudantes pra UFSB. Mas, assim... Não funciona... Sempre vem que nem sardinha... A gente tem muita desistência e reprovação por causa disso, do transporte... (Professora do Magistério Superior)⁷

No ano de 2021, foi criado o bacharelado em jornalismo na UFSB. Atualmente, o curso possui três ênfases: jornalismo científico e sustentabilidade; jornalismo cultural; e comunicação comunitária. Trata-se de uma arquitetura curricular extremamente contemporânea e territorializada, uma vez que o Sul da Bahia é possui uma grande diversidade social e biológica.

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso, entende-se comunicação comunitária como

(...) práticas jornalísticas e de comunicação social que se conectam a formas coletivas de autonomia sociocultural, política e econômica, e os processos comunicacionais baseados em princípios públicos, de modo a ampliar o exercício das cidadanias em âmbito local. Tais práticas têm como norte o direito à comunicação – direito de todo indivíduo ou coletividade ao acesso

⁶ Em depoimento aos autores em dezembro de 2024.

⁷ Em depoimento aos autores em outubro de 2024.

aos meios, à produção, à distribuição e à recepção de conteúdos comunicativos de qualquer natureza. (UFSB, 2023)

Este relato, portanto, sistematiza e documenta vicissitudes a primeira oferta dessa disciplina, o chamado “Componente Curricular de Extensão Comunicação Comunitária” (CCEX Comunicação Comunitária) da UFSB. Além de realizar um breve percurso crítico pela extensão universitária, pretende apresentar o debate de uma universidade em vias de consolidação e oportunizar uma experiência a jovens estudantes de jornalismo em um não mais deserto de notícias.

3. METODOLOGIA

Há dois níveis metodológicos neste relato.

O primeiro se dá a nível de formulação epistemológica e metodológica de um componente curricular obrigatório aos estudantes do bacharelado do curso de jornalismo. Esses fundamentos derivam de uma considerável experiência do professor junto a movimentos sociais populares e comunitários, sobretudo aqueles organizados em rede e referenciados na Articulação Nacional de Agroecologia, que possui diversas sistematizações sobre o valor estratégico da produção de mídias sonoras (ANA, 2013). Ao longo dessas experiências pregressas, desenhou-se um dispositivo (uma série cumulativa de exercícios) proporcionador de processos e produtos comunicacionais (KAPLUN, 2002).

O segundo se dá a nível de redação deste relato, tecido segundo uma das máximas da pesquisa-ação latino-americana: a sistematização de experiências. Ou seja, trata-se de um texto proveniente de uma experiência concreta, a qual passou por um processo de recuperação e reconstrução através do processo de escrita (FALKEMBACH; CARILLO, 2015). Em outras palavras, as co-autoras desse relato foram educandas do CCEX Comunicação Comunitária, e participaram de um processo crítico continuado que se substancializou em relatos auto-avaliativos, incorporados a este texto.

4. O PROCESSO

O componente curricular aconteceu no Complexo de Educação Básica (CIEB) de Porto Seguro, parte da Rede CUNI, no período noturno. Com 75 horas aula, o componente foi pensado como um processo comunicacional propiciador de produtos em mídia sonora (podcasts).

Ao longo dos encontros, foram realizadas aulas expositivas dialogadas, seminários a partir de sistematizações do movimento agroecológico, salas de aula invertidas, leituras em sala de aula, visionamento de filmes acrescido de debates e exercícios de redação, captação e edição de áudio em sala.

Essas metodologias foram organizadas segundo uma lógica em nove etapas, as quais fracionavam um processo de pré-produção, produção e pós-produção de um conteúdo em mídia sonora (FARRARETO, 2014).

A primeira etapa consistiu em uma pesquisa ao portal Agroecologia em Rede⁸, um mapeamento colaborativo mantido pela Articulação Nacional de Agroecologia. Os estudantes foram divididos em seis grupos, cada grupo deveria pesquisar sobre um bioma brasileiro e sobre ao menos duas experiências agroecológicas. Tal pesquisa foi apresentada em forma de seminário. Essa etapa de pesquisa era fundamental, pois embasava os estudantes com dados fundamentais para a realização dos podcasts.

Com a apresentação dos seminários, foi possível encontrar os temas geradores que orientariam a temática de cada conteúdo. Os temas geradores, fundamento pedagogia da comunicação popular freireana, são um tipo de “devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada” (FREIRE, 201, p. 116). Eles são elementos que facilitam o diálogo e orientaram os próximos passos do processo comunicacional, a conversa e o diálogo. Os temas geradores sistematizados foram: direito à comunicação, economia solidária, feminismo, conhecimentos tradicionais, manejo de recursos e agricultura urbana.

⁸ <https://agroecologiaemrede.org.br/>. Acesso em 15 de mar. de 2025.

A terceira etapa consistiu em preparar uma pequena lista de perguntas e na realização de uma conversa, diálogo ou entrevista com representantes dos movimentos agroecológicos já trabalhados em seminário. Nesta etapa, foi fundamental pensar outros modos de entrevista, uma vez que se trata de um exercício de comunicação comunitária, e não de um exercício jornalístico no sentido estrito. Para tanto, realizamos em sala a leitura e o debate de dois textos orientadores sobre os fundamentos do diálogo (FREIRE, 2020) e sobre o ato de conversar (BELISÁRIO; ASPAHAN, 2006). Essas leituras foram fundamentais para fomentar o exercício da escuta ativa e do envolvimento dos estudantes junto aos movimentos sociais.

Um quarto momento consistiu na decupagem do material coletado nas entrevistas e na confecção de roteiros para mídia sonora inspirados no modelo de boletim (FARRARETO, 2014).

Um quinto momento foi o de sensibilização para a edição e mixagem de áudio. Nesta etapa, estudantes compartilharam seus hábitos de consumo de mídias sonoras. Foram escolhidos alguns exemplos que, ouvidos coletivamente em aula, tiveram seus elementos de linguagem decompostos em voz, silêncio, efeitos e música com o auxílio de uma ficha.

TABELA 01: FICHA DE SENSIBILIZAÇÃO PRA ELEMENTOS DE LINGUAGEM

		00"	10"	20"	30"	40"	50"	1' 00"	1' 10"	1' 20"	1' 30"	1' 40"	1' 50"
		10"	20"	30"	40"	50"	1' 00"	1' 10"	1' 20"	1' 30"	1' 40"	1' 50"	2' 00"
EXEMPLO 01	VOZ												
	MUSICA												
	EFEITOS SONOROS												
	SILÊNCIO												

Fonte: acervo pessoal.

O sexto momento do processo foi o de gravação, em sala de aula, das partes do roteiro escritas segundo a inspiração do modelo de boletim. Após um exercício de aquecimento vocal, com um microfone condensador e um laptop, a sala de aula do CUNI Porto Seguro se tornou um pequeno estúdio cheio de reverberações, onde os grupos de estudantes puderam gravar suas locuções.

O sétimo momento foi o de edição dos conteúdos. Partindo das experiências adquiridas na quinta etapa do processo, os estudantes foram apresentados a um aplicativo gratuito de edição de áudio e vídeo. Com exemplos de cortes simples em sala e a disponibilização de bancos de áudio gratuitos, foram orientados em como realizar edições simples para a finalização dos produtos.

Uma oitava e última etapa ainda está por se desenvolver. Consiste na disponibilização desses conteúdos em uma plataforma mantida pela Rede de Comunicação Comunitária e Agroecologia⁹, uma rede de pesquisa interinstitucional ainda em formação.

5. DEVOLUTIVAS ESTUDANTIS

Com o encerramento do componente, em março de 2025, estudantes foram encorajados a realizar um processo de auto-avaliação que acabou por embasar esta sistematização de experiências. Tal processo constitui na resposta a perguntas que questionavam sobre os principais desafios encontrados ao longo do componente, como esses desafios foram superados, quais os conselhos que dariam para colegas que viessem a cursar esse componente e em quê o componente poderia melhorar. Desta maneira, buscou-se fomentar um exercício reflexivo sobre esta experiência de extensão universitária curricularizada. As estudantes também foram orientadas a correlacionar suas respostas com ao menos dois textos fundamentais debatidos em sala de aula.

Ao longo dessas devolutivas, as estudantes apontaram que seus principais desafios ao longo do componente foram: o estudo em período noturno, demandante pela pesada carga de trabalho que já têm ao longo do dia; as dificuldades em conciliar a disponibilidade de horário dos entrevistados; exercitar a escuta ativa também foi um dos grandes desafios. A falta de uma infraestrutura adequada também foi apontada.

Esses desafios foram superados com o apoio dos demais colegas em sala de aula. Com a partilha das experiências ao longo do processo, as estudantes perceberam que todos os grupos passavam por dificuldades parecidas, desmistificando o processo de

⁹ <http://www.comunicacaoagroecologia.eco.br/>. Acesso em 15 de mar. de 2025.

realização dos exercícios. Tais elementos se relacionam com um dos princípios do diálogo, segundo a visão freireana: a confiança (FREIRE, 2020).

Um dos elementos que veio à tona nos relatos foi a natureza não-academicista da comunicação comunitária, um campo de ação e reflexão com um contribuinte latino-americano muito claro e voltado à produção coletiva de conhecimento, à participação através da voz e à mudança social. Nesse sentido, foi debatido em sala que a comunicação comunitária, uma Epistemologia do Sul, não se encontra apartada da vida cotidiana, como acontecem com as ciências tradicionais: ao contrário, ela se encontra embebida na vida das populações que lutam por direitos de cidadania.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta sistematização de experiências, apresentamos parte da trajetória da curricularização da extensão, seu percurso em uma universidade em vias de consolidação, o relato da primeira oferta de uma iniciativa de extensão curricularizada, os fundamentos que embasaram o Plano de Ensino e Aprendizagem da mesa e as perspectivas de algumas estudantes que participaram do curso.

Conclui-se que a comunicação comunitária, desenvolvida sob a forma de extensão, possui grande potencial para a formação de jornalistas no Sul da Bahia. Região de um antigo deserto de notícias, os princípios da comunicação comunitária podem servir de base a práticas comunicativas abertas ao diálogo, à participação e à promoção da cidadania.

7. BIBLIOGRAFIA

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. **Relatório da oficina de comunicação da ANA: 23 e 24 de setembro de 2013.** Juazeiro (BA) : ANA, 2013.

BELISÁRIO, Bernard; ASPAHAN, Pedro. Metodologia para uma proposta radiofônica. In: LIMA, Rafaela Pereira. **Mídias comunitárias, juventude e cidadania.** Belo Horizonte : Autêntica, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidente da República, 2016. Disponível

em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 15 mar. 2025.

BRASIL. **Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília, DF : Presidência da República, 2014. Acesso em 15 de mar. de 2025

FALKEMBACH, Elza; CARILLHO, Alnfonso Torres. Systematization of experiences: a practice of participatory research from Latin America. In: BRADBURY, Hilary (ed.). **The SAGE Handbook of Action Research.** SAGE Editors : London, 2015.

FARRARETO, Luiz Artur. **Rádio:** teoria e prática. São Paulo : Summus, 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2014.

FRERIE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo : Paz e Terra, 2020.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación:** El comunicador popular. Editorial Caminos : La Habana, 2002.

LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira. **Extensão universitária:** gestão, comunicação e desenvolvimento regional. Santa Maria, RS : FACOM-UFSM, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA. **Projeto Pedagógico de Curso (PCC) Bacharelado em Jornalismo.** Porto Seguro (BA) : CFAC, 2023.